

**DOSSIÊ: \_**

**ESPORTE E SOCIEDADE:**

**NOVAS DIMENSÕES**



## APRESENTAÇÃO

Nove anos se passaram entre o primeiro dossiê sobre esportes, publicado pela *Antropolítica* e este que ora apresentamos. Neste período, o tema, que já tinha dimensão extraordinária no nosso país, adquiriu uma importância inédita porque o Brasil foi confirmado como sede dos principais eventos esportivos mundiais. Confirmou-se a Copa do Mundo de 2014 da FIFA no Brasil, e a cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de Verão, em 2016. Além destes mais comentados, podemos elencar os Jogos Mundiais Militares, realizados em 2011 no Rio de Janeiro, a Copa das Confederações, que terá um número ainda não definido de cidades-sede (provavelmente de quatro a seis cidades), e os Jogos Paraolímpicos, também no Rio de Janeiro, com início marcado para menos de um mês após o término dos Jogos Olímpicos de 2016.

Encontrando, na academia brasileira, um campo já em efervescência, com uma produção crescente sobre o tema, a realização de todas estas competições vem atraindo, também, a atenção de uma série de atores sociais, direta ou indiretamente relacionados ao esporte. Do mesmo modo, tem implicado uma cobertura midiática que, a partir das comparações com as últimas edições destes eventos, irá crescer de forma exponencial nos próximos anos, até atingir seu ápice durante as cerimônias de abertura e encerramentos dos Jogos Olímpicos.<sup>1</sup> Proliferam as

---

<sup>1</sup> A última edição dos Jogos Olímpicos de Verão, realizada em Pequim (2008), teve uma audiência estimada de 1,5 bilhão de pessoas, apenas durante a cerimônia de abertura, e contou com a presença de 30 mil jornalistas, sendo transmitida para cerca de 200 países.

expectativas sobre *impactos e legados dos megaeventos*. Um dos muitos *impactos*, já esperados, da realização conjunta de todos estes megaeventos esportivos é a atração que eles exercem sobre parte significativa dos pesquisadores, nacionais e internacionais.

Assim, investigadores das mais diversas áreas – Antropologia, Sociologia, Educação Física, Arquitetura, Economia, Propaganda e Marketing, entre outras – têm se voltado para o estudo dos esportes (ou dos eventos esportivos que, embora próximos, mantêm as suas distinções) e elaborado análises sobre este momento específico. Entre outros temas, são tratados os reflexos dos investimentos públicos e privados que são mobilizados para a realização destes eventos, os impactos da construção de estruturas esportivas, hoteleiras e nos sistemas de transporte sobre os diferentes setores da população ou as transformações nos padrões de atividade e audiência esportivas da população que sediar tal quantidade de competições acarreta.<sup>2</sup> De certa forma, é como se todo o país estivesse na expectativa de se reinventar através destes eventos.

Entretanto, a importância deste olhar que foca a compreensão da dimensão que os eventos esportivos adquiriram no contexto atual da sociedade brasileira, por mais significativa que seja, não pode implicar, por outro lado, a perda de um referencial mais amplo, que tem procurado construir interpretações sobre as práticas esportivas nas duas últimas décadas.

Parte deste acúmulo pode ser encontrada nos artigos de Pablo Alabarces e Simoni Guedes, que vão muito além de apenas realizar uma descrição do desenvolvimento do campo no último período, propondo uma ampla e complexa agenda de investigações para a continuidade deste trabalho. Em ambos os textos observa-se a preocupação com a diversificação dos temas estudados, para além do futebol, uma vez que, como Guedes afirma nesse dossiê, “se a hegemonia dos estudos sobre futebol é justificável, ao menos nestes dois contextos, tendo em vista sua extraordinária importância mundial e local, a ampliação dos campos empíricos enfocando práticas esportivas diversas é extremamente alvissareira”. Ao mesmo tempo, a leitura do balanço crítico apresentado por Alabarces mostra o quanto esta diversificação ainda é presente desigualmente nos diversos países da América Latina, com o futebol sendo não apenas hegemônico como tema de pesquisa, mas, na maioria dos casos, o único esporte que tem merecido a atenção dos estudos acadêmicos, principalmente a partir de um enfoque antropológico.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Mascarenhas; Bienenstein; Sánchez (2011).

Outro aspecto que se encontra fortemente presente nos textos é o viés comparativo como um caminho a ser aprofundado pelos estudos do esporte em nosso continente. Assim, para Alabarces, “o que resta fazer é a produção de trabalhos empíricos locais, regionais ou continentais; o estabelecimento de comparações – a investigação comparada é uma dívida enorme”. Também em Guedes encontramos como uma das tarefas fundamentais para a consolidação deste campo a de “propor programas de pesquisa comparativos sobre esportes em diferentes países da América Latina, reeditando, em novos moldes, a proposta do Flacso (ALABARCES, 2004, p. 166) e o pioneiríssimo empreendimento do Grupo de Trabalho Esporte e Sociedade do Clacso (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais)”.

Entendo que, sem ser fruto de um trabalho comparativo entre os autores, os textos de Victor Andrade de Melo e de João Sedas Nunes apontam para elementos que possibilitariam o aprofundamento destes olhares comparativos, não apenas no âmbito da América Latina, mas em diálogo com realidades que, embora geograficamente mais distantes, são próximas em suas temáticas. Deste modo, para além de suas contribuições intrínsecas na análise das transformações nos processos de formação de atletas (boxeadores e jogadores de futebol), bem como da relação entre estes processos e as conjunturas nacionais e internacionais em que se inserem, os dois textos reforçam a necessidade de estudos comparativos, dos quais o texto de Melo é explícito ao sugerir as possibilidades de diálogo entre “Belarmino”, lançado em 1964 e considerado como um dos pioneiros do Novo Cinema português, e “Garrincha, Alegria do Povo”, lançado em 1963 e “da mesma forma ligado a um movimento de renovação cinematográfica: o Cinema Novo brasileiro”.

Porém, entendo que podemos ir ainda mais longe a partir das possibilidades comparativas que os artigos de Melo e Nunes nos apresentam. Alabarces afirma que “somos antropólogos, sociólogos, historiadores, comunicólogos, especialistas em Educação Física, economistas, politólogos, literatos ou combinações irreverentes de vários destes pertencimentos. Mas jamais *esportólogos* ou *futebólólogos* ou *boxeólogos*. O que nos une e nos atravessa são as preocupações pelo social, pelo econômico, pelo histórico, pelo cultural ou pelo político”.

Assim, a leitura de Melo pode ser entendida como uma “interpretação da interpretação” de Belarmino, em um exercício classicamente antropológico, tal como proposto por Geertz (1989). Neste sentido, temos aqui não tanto uma “Antropologia do Esporte”, mas um exercício que toma

o esporte como um caminho para realizar uma Antropologia do cinema novo português e dos contextos de sua produção.

Por outro lado, se o texto de João Sedas Nunes, em um primeiro momento, aponta para um esporte e um período completamente distintos – os valores associados aos jogadores de futebol no Portugal contemporâneo – um olhar estimulado pelas preocupações sociais, econômicas, históricas, culturais, políticas e, acrescentaria, morais, pode encontrar promissores caminhos de comparação.

Um destes caminhos remete a um diálogo, que atravessa tanto o futebol quanto o boxe, bem como uma gama de outros esportes, com um processo de racionalização das práticas esportivas e que aproxima a formação de atletas dos mecanismos de constituição de uma mão de obra especializada e submetida a um rígido disciplinamento corporal (FOUCAULT, 1977), tão bem expresso no texto de Nunes, quando ele aponta o deslocamento do “dom” como valor preponderante na prática do futebol para a “inteligência”: “tudo vem da ideia, forjada três décadas antes, de que não é possível passar da ação individual, condenada ao fracasso competitivo por mais habilidosa que seja, à ação coletiva sem mediação intelectual, estudo e tecnologização das formas e práticas corporais”. Aqui, uma vez mais, podemos observar o rendimento do conceito de “zona livre”, que Archetti (2003) utiliza em sua análise do futebol argentino, para identificarmos o quanto o esporte – bem como o cinema, como o texto de Victor Andrade de Melo nos demonstra – possibilita um espaço de interpretação de determinados eventos que, por vezes, os discursos oficiais presentes nas “tendências ordenadoras da sociedade” tornam mais nebulosos.

Este próprio dossiê, por fim, se apresenta como um diálogo em múltiplas direções. Nos seus artigos, nos quais tradições brasileiras, argentinas e portuguesas se encontram e se alimentam; nas suas temáticas, em que o futebol e o boxe mostram momentos de um processo de transformação das práticas esportivas em Portugal e, principalmente, um diálogo para fora de suas páginas, com aqueles que, estimulados pelos grandes eventos esportivos que se avizinham, se aproximam ou se aprofundam nesta temática e que podem encontrar aqui referenciais fundamentais para uma compreensão mais ampla dos percursos e dos debates que, já há algumas décadas, vem estruturando o campo da Antropologia dos Esportes.

## REFERÊNCIAS

- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

